

Lembrança de Brasília em quatro tempos

» LAURA TIZZO » RAFAEL CAMPOS

Não vão faltar assuntos para que 2015 seja mantido na memória por um bom tempo. O ano que termina mostrou uma Brasília mais combativa, disposta a ir às ruas e ocupar os espaços públicos; adepta do movimen-

to de defesa pelos direitos das mulheres, em consonância com o restante do planeta; e fugindo do forte calor de todas as maneiras possíveis.

O Correio elegeu quatro temas entre os que mais marcaram o Distrito Federal no

ano que se encerra e conversou com pessoas da cidade que estiveram ligadas a eles. Ao lado das histórias, quatro artistas da cidade foram convidados para retratar em desenhos o que cada um desses assuntos representa.



TODO O CALOR DO MUNDO

Arte: Caio

O empresário Charley Guimarães Pimenta não se queixou do calor nem da famigerada crise econômica de 2015. "Estou em Jurerê Internacional (SC) com minha família. Não sei o que é crise", brinca. Tudo porque o seu ramo de atuação foi um dos mais necessários desse ano. Ele trabalha com vendas e assistência de ventiladores, e garante: os negócios tiveram um aumento de cerca de 80%, quando comparados com 2014.

"Eu sempre trabalhei sozinho, mas tive de contratar pessoal e atender aos fins de semana e feriados. Não tenho nada a reclamar", conta. Charley não comemora à toa. O ano de 2015 registrou a temperatura mais alta do Distrito Federal desde que as medições começaram. Em outubro, os termômetros chegaram a 36,4°C, batendo o recorde de 2008, quando atingiu os 35,8°C. "Entre 1º e 22 de outubro, todos os dias tiveram marcações acima dos 30°C", afirma Morgana Almeida, meteorologista do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

De acordo com a especialista, a causa mais provável do calorão veio da intensidade do fenômeno El Niño, que alterou o regime de chuvas na região do DF, impactando diretamente no clima. O comportamento humano, apesar de não ter sido a influência mais importante para o calor de 2015, também teve parcela de culpa para as alterações climáticas. "Minhas pesquisas identificaram uma mudança no padrão de temperaturas nas últimas décadas decorrente da urbanização e do uso do solo na cidade", garante Morgana. Aos que ficaram traumatizados com o clima no ano que chega ao fim, as previsões soam como brisa. "Nossa expectativa é que 2016 tenha temperaturas mais amenas", acredita a meteorologista.



A FORÇA FEMININA

Arte: Siren

"Machistas não passarão" foi o grito que acompanhou o discurso do cineasta Cláudio Assis durante a abertura do Festival de Cinema de Brasília, em setembro. Depois que participantes de um debate relataram que ele havia desrespeitado a diretora do filme *Que horas ela volta?*, de Anna Muylaert, a plateia não aguentou calada.

Em um ano no qual as mulheres se uniram com mais força na luta pela igualdade de direitos, esse foi apenas um dos vários casos que demonstraram que o feminismo ganhou forma no DF. Como em vários lugares do planeta, ele veio por meio da internet. "Estamos nos comunicando mais, com mais conhecimento sobre as formas de assédio, que é acalissista e apartidário. Há mais companheirismo e solidariedade entre as mulheres, e a internet ajuda nisso", garante a socióloga e cineasta Tânia Montoro. Para a especialista, o feminismo se tornou pauta constante e tem ajudado as novas gerações de homens a entenderem o que é a igualdade entre os gêneros. "A cultura não pode ser mudada de uma vez só, mas estamos no caminho", ensina.

Liz Salomão, 19 anos, estudante de sociologia da UnB e militante feminista, também acredita que 2015 trouxe uma maior reeducação por parte dos homens; entretanto, alerta que isso não pode mascarar a violência contra a mulher. "O radicalismo contra o feminismo ainda é grande em Brasília, como é em todo o Brasil. Mas a maior possibilidade de comunicação também ajudou com que nós pudéssemos ter melhor noção do que é a violência e de que não somos culpadas por ela." Na opinião de Liz, 2015 se tornou um ano importante para a militância, com um aumento significativo no número de denúncias contra a violência. "As campanhas com hashtags são um exemplo disso."



SILÊNCIO REPRESSOR

Arte: Hiran

O oposto da música não é a falta de som, mas a repressão. Pelo menos foi assim para um grupo de jovens que tocava violão na 410 Norte, no último dia 23. De acordo com relatos em redes sociais, depois de uma reclamação de moradores, policiais em cinco viaturas abordaram e levaram o grupo à delegacia. A ação veio somar-se aos casos que puseram a Lei do silêncio como um dos temas mais discutidos de 2015 — com bares fechados e manifestações contidas violentamente.

"Há um projeto de cidade vazia para Brasília, focada apenas na contemplação do projeto urbanístico. Ele exclui as pessoas da rua e não quer que ela seja apropriada para além dos moradores daqui", avalia Gabriela Tunes. Ela está à frente do movimento "Quem desligou o som?", que durante todo o ano questionou a "seletividade da aplicação da lei do silêncio", como ela define. "A lei funciona somente para determinadas atividades. Os fiscais têm a discricionariedade de decidir como aplicá-la." Para Gabriela, essa gentrificação — neologismo que vem da palavra em inglês *gentry* (pequena nobreza) e significa a alteração de um espaço popular em um local mais caro, forçando a comunidade carente que vivia lá a se mudar — tem feito com que Brasília perca a característica de cidade-parque.

A psicóloga Sheylane Brandão, 37 anos, organizou uma manifestação em 26 de dezembro a favor dos jovens abordados na 410 Norte. "Esperava cerca de 20 pessoas. Durante toda a tarde, quase 500 passaram por lá." Para ela, o movimento demonstrou que os que estão nos apartamentos também querem que a cidade tenha vida cultural. "Ela é um espaço de reestabelecimento de laços comunitários. Isso é revolucionário. Mas tenho bastante medo, apesar de ficar feliz ao ver que o assunto está sendo discutido mais profundamente."



BRASÍLIA É NOSSA!

Arte: Pomb

Quem vai tomar conta das quadras de Brasília em 2016? Tá uma pergunta boa de ser feita. Mesmo com todas as restrições impostas sobre aqueles que enxergam nas ruas o princípio orgânico que rege uma cidade, diversos eventos tomaram conta dos blocos, tesourinhas e eixos na tentativa de fazer o brasiliense sair de casa e contemplar a cidade em que vive.

"É emocionante. São famílias com crianças, cachorros. Nunca tivemos nenhuma ocorrência (policial) em todas as edições", garante Cristiane Mardine, organizadora do Chef nos Eixos, evento de gastronomia que ocorre no Plano Piloto. De acordo com ela, vários arquitetos e urbanistas elogiarão a empreitada porque viram nela a realização do projeto inicial de cidade-parque imaginado por Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Burle Marx. "Em 2016, precisamos nos unir para que esse novo olhar sobre a capital seja mantido. É preciso que haja uma mudança geral nas regras, porque a burocracia dos órgãos de segurança pública não conseguem dar conta da relação que esses eventos têm com a população. Precisamos de mais tolerância", completa.

A publicitária Rosely Youssef, uma das organizadoras do bloco de carnaval Babydoll de Nylon, também sabe o que é ver multidão nas ruas. De uma festa que reunia apenas um grupo de amigos, ela viu mais de 50 mil pessoas dançando ao som de Robertinho do Recife em 2015. "Crescemos tanto que partiu do próprio GDF o convite para oficializar o bloco. Nunca tivemos problemas na organização, mas estamos preocupados com o que pode acontecer em 2016." Ela garante que um dos maiores entraves para eventos de rua ainda é a falta de comunicação entre os órgãos governamentais. "Falta um procedimento direto. Mas o brasiliense se esforça e quer movimentar a cidade."